

Fantástica | Mitológica | Ficcional

Janaina Tschäpe



Janaina Tschäpe em frente à obra que apresentou na exposição *Made By... Feito Por Brasileiros*

Cortesia Fortes Vilaça



Videoinstalação *Fern Weh*, 2014

Texto **Marcos Guinoza** :: Foto **Alex Batista**

Criança ainda, Janaina Tschäpe já definiu o próprio futuro. Com 7 anos, anunciou para os pais que seria artista plástica. “Ser artista era um sonho de criança. Sempre foi. Eu desenhava o tempo todo.” Ela conta que ainda guarda alguns cadernos com os desenhos da infância. “Eu gostava de fazer retratos.”

Anos mais tarde, o pai chegou a sugerir outras profissões para a filha. Preferia que ela estudasse arquitetura, design... “Qualquer coisa, menos artes plásticas.” Apesar da preocupação do pai, Janaina não mudou os planos e, na adolescência, fez uma

série de cursos para aprender técnicas como pastel, aquarela etc. “O primeiro homem pelado que eu vi na vida foi em um curso de desenho”, conta, rindo.

Certa da vocação, “obcecada com a ideia de ser artista plástica”, ela entrou na Escola de Belas Artes de Hamburgo, na Alemanha, para estudar artes plásticas e, em seguida, fez mestrado na School of Visual Arts, em Nova York. Foi em busca do sonho de criança e o realizou com mérito. Hoje, Janaina Tschäpe é artista prestigiada no circuito de arte contemporânea, com exposições em importantes museus e galerias pelo mundo.

“Eu cresci numa geração que já achava que todos éramos iguais, até eu perceber que não era verdade. Eu não tento fazer uma arte feminista, mas ser uma artista mulher”

Até iniciar os estudos em Hamburgo, Janaina viveu entre Alemanha e Brasil. Ela é filha de pai alemão e mãe brasileira. “Meus pais se conheceram no Brasil. Antes de eu nascer, meu pai teve que voltar para a Alemanha a trabalho e eles foram morar em Munique, onde eu nasci. Um ano depois do meu nascimento, tiveram que se mudar novamente para o Brasil.” Com 11 anos, Janaina voltou a morar na Alemanha; com 16, retornou para o Brasil e, dois anos depois, foi para Hamburgo.

Essa “dupla identidade” é muito lembrada quando falam sobre o trabalho de Janaina, e ela concorda que a mistura do racionalismo alemão com a paixão brasileira influenciou o seu modo de fazer arte. “Acho que a conexão entre esses dois mundos foi importante em toda a minha carreira e é até hoje. A minha educação artística teve início na Alemanha e, depois, eu combinei muito essa coisa que eu tinha estudado conceitualmente lá com o que eu vivenciava no Brasil.”

Janaina começou a trajetória como pintora, mas logo abandonou o pincel para usar a fotografia e o vídeo para se expressar. “Eu queria sair do cubo branco, sair do estúdio, e explorar o fazer arte como quase um exercício diário que eu desenvolvia com o meu corpo, no lugar onde eu estava, sem necessariamente ter materiais ou ter que estar no estúdio. Estava focada em entender o que fazia como artista plástica. Acho que é uma busca de cada um, de você se entender no seu meio.” Janaina se entendeu e, hoje, trabalha com vídeo, fotografia, pintura, desenho e performance. Essas linguagens dialogam entre si. “No processo de editar as imagens, editar os vídeos, isso também nutre toda uma memória e uma imagem visual que reflete dentro da pintura. São bem interligadas essas coisas. Por exemplo, eu introduzi mais cor na fotografia no momento em que estava pintando mais. E fiz uma performance com balões coloridos que eu acho que veio muito da pintura.”

A escolha da linguagem na qual vai se expressar acontece naturalmente. “Eu acho que o desenho é sempre o começo de

um pensamento. Muitas vezes, faço desenhos e, desses desenhos, começam a surgir as ideias.” A obra em fotografia e vídeo de Janaina é baseada em expedições que ela faz para lugares como Amazonas, Galápagos e Fiji. “Meu trabalho tem uma ligação com literatura muito forte, uma coisa de criar uma fábula, uma ficção.”

Da viagem para o Amazonas, onde Janaina passou oito dias navegando pelo Rio Negro, resultou o vídeo *The Ghost in Between*, obra que enfoca o olhar romântico sobre um mundo a desbravar das viagens científico-exploratórias dos séculos 18 e 19. O título do vídeo faz referência ao costume dos habitantes do Alto Amazonas de procurar fantasmas em fotografias.

Nas obras mais recentes, a artista tem incluído homens nas performances. “As minhas ‘criaturas’ são um pouco andróginas, não têm identidade certa. Dentro das roupas não dá para reconhecer se é homem ou mulher. Nos últimos dois anos, as coisas têm andado mais para esse lado abstrato.” Antes, Janaina trabalhava apenas com o corpo feminino.

As questões femininas, aliás, são fundamentais na obra da artista. “A imagem da mulher dentro da mitologia sempre me interessou. Na verdade, eu tento desmistificá-las, ver essas figuras históricas pelo que elas são. Tem vários vídeos e performances em que tentei interpretar a sereia, a bruxa.” Para Janaina, até hoje as mulheres ainda estão presas dentro desses papéis. “Eu cresci numa geração que já achava que todos éramos iguais, até eu perceber que não era verdade. Eu não tento fazer uma arte feminista, mas ser uma artista mulher.”

ALMA DE FAZENDEIRA

Janaina foi casada com o artista plástico Vik Muniz, com quem tem uma filha. Mora em Nova York há mais de 20 anos. “É a cidade que aceita todo mundo. Na questão artística, eu precisava me liberar desse conflito de quem eu sou em termos de nacionalidade – se

Cortesia Fortes Vilaça



Four Seasons (Winter, Spring, Summer, Autumn), 2014



Acima e na página ao lado, *The Ghost in Between*, 2013

sou alemã, se sou brasileira. Em Nova York, eu não preciso ficar me questionando de onde venho.”

Ao menos uma vez por ano ela vem para o Brasil, onde passa uma temporada em Bocaina de Minas (MG), cidade da família da mãe. Das viagens para Bocaina surgiu a relação de Janaina com a natureza, outro tema característico em sua poética. “Quando eu era criança, a gente ia todo fim de semana para lá. A natureza, para mim, sempre teve uma relação com a liberdade. Era um lugar onde eu podia explorar sozinha. Era uma independência e uma solidão que me fizeram crescer muito interiormente.”

Em Nova York, Janaina segue uma rotina rígida. Acorda às 7h, sai de casa às 8h15, deixa a filha na escola, chega ao ateliê às 9h30 e sai de lá às 17h30 para estar em casa às 18h. “Hoje eu tenho um estúdio em casa também, porque não gosto dessa ideia de ter que parar de trabalhar em certo momento.” Janaina não sofre de bloqueios artísticos. “É o contrário. Quando o resto bloqueia, a arte é a única coisa que me liberta. A arte é o lugar onde eu consigo expressar o que não consigo no dia a dia. Até hoje eu me expressei muito melhor desenhando, pintando, do que falando.”

De espírito aventureiro, Janaina, quando não está criando, gosta de cozinhar, de viajar e de cuidar de plantas. “Aqui em casa parece uma floresta. Eu tenho alma de fazendeira.” Diz não ter medo de mudanças. “No momento em que você escolhe ser artista plástica, ir contra a ideia de ter um emprego seguro, o medo fica de lado. Medo é uma coisa em que tento nem pensar.”

Entre os próximos projetos de Janaina estão exposições em Berlim e no Rio de Janeiro, a preparação de um livro e uma expedição para as Ilhas Salomão, no Pacífico Sul. “Acho que vou estar em um barquinho, com os canibais. Esse tipo de projeto me faz sonhar muito.”

Janaina Tschäpe sonha e, dos sonhos dela, surgem seres fantásticos (e muitas vezes perturbadores), células e plantas fictícias, paisagens polimorfos, atmosferas melancólicas, pinturas de pinceladas amplas e firmes – um universo onde coexistem o real e o imaginário. Como ela mesma diz, sua intenção não é retratar o mundo dos sonhos, “mas a sensação de estar em um”.

—
JANAINATSCHAPE.NET

